

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS**

**UNISINOS**

**GABRIELLA THAIS SCHORN**

**OS CONTOS DE FADAS COMO EXPERIÊNCIAS DE INFÂNCIA(S)**

São Leopoldo

2014

Gabriella Thais Schorn

## **OS CONTOS DE FADAS COMO EXPERIÊNCIAS DE INFÂNCIA(S)**

Monografia apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, como parte das exigências do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Especialização em Educação Infantil para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Orientador/a: Professora Mestre Bianca Sordi Stock.

Segundo Avaliador: Professor Doutor Remi Klein.

São Leopoldo

2014

## DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia aos meus pais, Guido (*in memoriam*) e Beth, que me deixaram ser criança e desde sempre me mostraram a importância da fantasia e da imaginação para vencer os obstáculos da vida.

À minha irmã Renata que, além dessa ligação imensurável, tem me dado a alegria de ser tia e dinda em dose dupla com a Helena e o Augusto me ajudando a reviver minha infância com saudade e esperança.

Ao meu namorado Henrique, amor de outras vidas e que sempre ao meu lado me permite ser eu, ajudando, torcendo e construindo comigo meu sucesso.

À minha professora orientadora e amiga Bianca Stock.

À Unidade Oswaldo Cruz sempre acreditando no meu trabalho e possibilitando-me a autonomia necessária para desenvolvê-lo.

Às crianças do Nível 3B que a cada dia me renovam e me instigam a pesquisá-las e a questionar-me sobre as minhas práticas.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, à minha família e meu namorado – citados na dedicatória -, que sempre ao meu lado, torcem junto e me ajudam a ser a cada dia uma pessoa melhor.

Aos professores da Unisinos - destacando minha orientadora Bianca Sordi Stock - por terem me proporcionado o encantamento e a coragem necessários para escrever sobre os contos e a psicologia.

À Unidade Oswaldo Cruz – principalmente a Coordenadora Célia M. dos Reis Corrêa e a Supervisora Luciana de Souza Brentano - por permitir que minhas ideias alcem os voos necessários para fortalecimento do meu trabalho em sala de aula.

Aos pais da turma Nível 3B pelo auxílio e autorização para falar de seus filhos, contribuindo para que mais educadores, gestores e leitores possam compreender a importância das histórias infantis no desenvolvimento das diversas infâncias.

E as minhas crianças, que não podem faltar na lista de agradecimentos, por me proporcionarem incalculável alegria a cada início de tarde ao recebê-los, olhos alegres e curiosos, cheios de vida e maravilhados pelas histórias e propostas realizadas ao longo do Projeto de Estudos.

*“Há mais significado profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina”. (SCHILLER)*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1. CONTOS MARAVILHOSOS – HISTÓRIAS CLÁSSICAS – CONTOS DE FADAS .9</b>	
1.1 A relação da infância com a literatura ao longo dos anos.....	9
1.2 Que encantamento é esse que perpassa séculos? .....	12
1.3 Por que as crianças desde tão pequenas ficam impactadas com os contos clássicos?....	14
<b>2. PROJETO DE ESTUDOS COM TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL – N3B .....</b>	<b>16</b>
2.1 Por que o lobo é mau?.....	16
2.2 Vamos brincar no bosque enquanto seu lobo não vem... Relatando o Projeto.....	19
2.3 Narrativas Fantásticas do Nível 3B – Vídeos transcritos.....	23
2.4 Quem comeu o meu mingau? Analisando os vídeos .....	27
<b>3. CRIAÇÃO CONTEMPORÂNEA DAS CRIANÇAS: COMO AS CRIANÇAS RECEBEM HOJE OS CONTOS DE FADAS? .....</b>	<b>30</b>
<b>CONCLUINDO O INCONCLUÍVEL.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>34</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>36</b>
<b>ANEXO B .....</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

Acredita-se que os contos de fadas são importantes para o desenvolvimento infantil. Através deles, a criança pode imaginar um mundo mágico, repleto de encantos para solucionar conflitos externos e internos. Conflitos estes que são necessários ao processo de amadurecimento emocional e conseqüentemente à aprendizagem.

Segundo Bettelheim, (1999, p. 13), a criança necessita de ideias e possibilidades para colocar em ordem sua “casa interior”, seu inconsciente. Necessita de repertório que a auxilie a pensar diversas possibilidades na resolução de seus problemas e desafios. Pensando assim, destaco a importância de diversas literaturas, advindas de diversas culturas, mostrando às diversas infâncias<sup>1</sup>, diversas maneiras de simbolizar seus problemas, auxiliando a organizar sua vida.

Algumas dessas histórias serão mencionadas ao longo desta monografia de conclusão de curso como, por exemplo, Patinho Feio e Cachinhos Dourados, as quais foram anteriormente trabalhadas através de Projeto de Estudos com uma turma de Educação Infantil em uma escola particular de Novo Hamburgo. Elas nos auxiliam a falarmos da chegada do bebê na família, das dificuldades que esse bebê enfrenta para construir um lugar no mundo, entre elas, o medo do abandono que os assola por um bom tempo em seu desenvolvimento. Agradam crianças bem pequenas, justamente por não conterem vinganças ou dramas amorosos, mas sim, a ideia de procura a um lugar acolhedor para inaugurar o mundo, onde se sintam bem recebidas e bem vindas, ou seja, tudo o que é necessário para esta etapa da vida.

Não há como saber em qual momento da vida ou idade um conto fará mais sucesso do que outro. Portanto, é preciso atenção à determinação da própria criança ou turma, de acordo com a força emocional que reage/m diante de alguma história. Bettelheim, diz:

---

<sup>1</sup> Refiro-me às “diversas infâncias”, sim, por acreditar e perceber que não existe um modelo ideal e perfeito de infância. Esta consiste em diversos modos de ser e agir, não correspondendo a um jeito único e obviedade em vivê-la.

só partindo para o mundo é que o herói dos contos de fada (a criança) pode se encontrar; e fazendo-o, encontrará também o outro com quem será capaz de viver feliz para sempre; isto é, sem nunca mais ter de experimentar a ansiedade de separação. O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança – em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente – a abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente. (1999, p.19)

Essa monografia resulta de uma investigação que objetivou auxiliar crianças de dois anos e onze meses a três anos e oito meses de uma turma de Educação Infantil e também adultos, professores, pais, que possuem crianças sob seus cuidados, a perceberem a importância dos contos maravilhosos, através da profundidade e encantamento que estes produzem no desenvolvimento infantil e posteriormente na vida adulta, sob diversos aspectos.

No primeiro capítulo realizo uma retomada da vida dos contos de fadas na sociedade, desde seu início mais remoto. Procuo situar o leitor historicamente em relação a esses contos maravilhosos e motivos pelos quais estes são importantes para o desenvolvimento da criança, acreditando na importância de um conhecimento prévio sobre o assunto para melhor entendimento das análises.

Já no segundo, sob o olhar de minhas lentes, conto sobre as minhas crianças e local onde a pesquisa foi aplicada. É preciso destacar que procuro me colocar como apoio aos alunos, sempre buscando valorizar o conhecimento deles e procurando somente dar um norte às ansiedades e aos questionamentos, jamais procurando ser “detentora do saber”, colocando-me somente como um dos meios de afirmações e descobertas para o grupo.

O último capítulo traz as angústias das crianças de hoje e deixa a certeza de que os contos vem para continuar com esse suporte, como uma contribuição, um *plus* em suas vidas. Deixa a mensagem da importância de um adulto disponível na tarefa de ensinar, organizar e orientar, seja o professor, os pais ou quem convive com a criança no dia-a-dia, ajudando-a a constituir seu verdadeiro *self*<sup>2</sup>.

Finalizo o trabalho sob o título “Concluindo o Inconcluível”. Acreditando que toda essa pesquisa fortalece e encerra, fecha e abre portas, mas que também inicia novas práticas de vida e que todo fim é apenas um outro ou novo começo.

---

<sup>2</sup> Examinamos o conceito de *self* central ou verdadeiro. O *self* central poderia ser considerado como o potencial herdado que está experimentando a continuidade da existência, e adquirindo à sua maneira e em seu passo uma realidade psíquica pessoal e o esquema corporal pessoal. (WINNICOTT, 1990, p.46)



## 1. CONTOS MARAVILHOSOS – HISTÓRIAS CLÁSSICAS – CONTOS DE FADAS

Realizando uma retomada histórica dos contos, por acreditar na importância de situar o leitor e para que o mesmo possa compreender esta evolução, inicio primeiramente, lembrando que estas histórias eram contadas a todos (adultos e crianças), sem distinção de gênero, classe social e principalmente idade. Faziam parte de momentos coletivos, onde um bom contador de histórias impressionava seu público. Não tendo autoria definida e, baseadas em histórias captadas da tradição céltica, bretã e oriental, são o resultado de uma criação coletiva de inmensuráveis contadores de histórias que as relatavam e as apresentavam com elementos como adultério, demônios, canibalismo, entre outros, cujo objetivo era glorificar seus feitos, divulgar suas ideias ou, simplesmente, entretenimento: momentos prazerosos de lazer.

### 1.1 A relação da infância com a literatura ao longo dos anos

A infância com o passar do tempo, foi aparecendo como uma condição diferenciada, exigindo tratamentos e preocupações especiais em relação aos adultos, a partir do século XVI, nos fins da Idade Média e com o surgimento da Modernidade. Iniciando na Inglaterra, os puritanos foram os primeiros a se questionarem e se interessarem na figura da criança, em sua natureza e em seu lugar na sociedade, como afirma Heywood:

os puritanos não tinham necessariamente uma opinião elevada sobre as crianças, e os irmãos mais fervorosos afirmavam que elas nasciam como ‘fardos sujos de pecado original’ ou ‘pequenas víboras’. (2004, p.36)

A Europa Ocidental testemunhou, durante os séculos XV e XVII, grandes transformações econômicas com o surgimento do capitalismo, e a partir daí foi preciso um local adequado onde as crianças pudessem ficar, para que não ficassem perambulando pelas ruas, enquanto os pais trabalhavam. A esse lugar, deram o nome de escola, do grego *skholé* e do latim *schola*, com o sentido inicial de “tempo ocioso, folga” e também “discussão, conferência, escola”.

O cenário foi mudando, recentemente, com a chegada do cinema e da televisão, que foram dominando esta perspectiva mais adulta. As formas mágicas de narrativas acabaram sendo destinadas às crianças, surgindo assim, um novo gênero literário: a literatura infantil, destacando-se os contos maravilhosos e os contos de fadas. Ambas sendo narrações de encantamento, abordando situações fantásticas, predominando a magia e o extraordinário.

Falando sobre a importância das crianças a partir do século XVI, Corso & Corso, afirmam que:

as crianças demoraram até quase o fim do século XVI para serem dignas de alguma importância e atenção. Antes disso, quando sobreviviam aos altos índices de mortalidade infantil, eram criadas entre adultos, compartilhando promiscuamente todos os aspectos da vida, até que a maturidade física as tornava um deles. (2006, p.32)

Com a chegada da modernidade, esta distinção entre criança e adulto, mundo doméstico e sociedade, foi ocorrendo gradativamente e trazendo bem delimitados produtos para cada idade e as preocupações com a infância foram sendo notadas. Hoje, juntamente com outras aprendizagens consideradas importantes pelos adultos como aprender a escrever e a ler, os contos clássicos estão presentes como algo estimulador e incentivador às aprendizagens na vida das crianças, mesmo sem saber muitas vezes o porquê, mas por advir de uma tradição que perpassa décadas e séculos.

Quando as crianças passaram a ter maior valor na sociedade para seus adultos, levando em conta seus pensamentos, suas particularidades e seus desejos, foram conquistando um reduto literário e consagrando escritores como Hans Christian Andersen, Irmãos Grimm, Charles Perrault e tantos outros. Este último, consagrando-se como “Pai da Literatura Infantil” e responsável pelos primeiros movimentos a esse tipo de escrita.

Conta-se que, a princípio, Perrault não estava preocupado com as causas infantis, mas sim, buscando uma identidade à literatura francesa da época, apoiando também ativistas feministas, envolvendo mulheres injustiçadas e auxiliando uma sobrinha que pertencia ao movimento. Após a publicação de “A pele de asno”, foi que o escritor começou a manifestar seu interesse a esse público, buscando valorizar sua intenção moral, além de entreter as crianças.

Após o sucesso de Perrault, Andersen e Irmãos Grimm, o mundo mágico das histórias vai configurando outro cenário para a literatura. Expressões como fantástico ou ilógico vão conceituando textos e abordando temas surreais, incluindo situações absurdas. É o caso de Carlo Collodi e tantos outros que trouxeram histórias incorporando o real e o imaginário. Este autor, nos deixa a obra “As aventuras de Pinóquio”, publicado entre 1881 e 1883, enredo clássico e conhecido como a história de um boneco de madeira que sonha em ser menino de verdade, passando por diversas aventuras.

No Brasil, não temos representações com obras de destaque até 1920. A partir daí os personagens do mundo encantado foram ganhando vida nos textos de Monteiro Lobato, com o Sítio do Pica-pau Amarelo, por exemplo, misturando e realizando combinações para o contexto brasileiro, utilizando Branca de Neve, Aladim, Peter Pan, entre outros, convivendo em um mesmo ambiente com personagens populares nacionais. Muitos autores brasileiros seguiram o viés da releitura desses contos de fadas clássicos e criaram novas linguagens e situações para as antigas histórias, a partir de 1970. Podemos citar Bartolomeu Campos de Queirós, com “Onde tem bruxa tem fada” (1979), Ana Maria Machado “História meio ao contrário” (1978) e Ruth Rocha, com “O reizinho mandão” (1978). Algumas dessas, invertendo ordens e narrativas, criando uma ruptura temática e até sequencial nas histórias, mas não deixando de seduzir e transmitir a magia e o encantamento típicos do modelo habitual, bem como a representação do maravilhoso.

As tramas que sobreviveram através do tempo são as que representam conteúdos do inconsciente infantil, pois vão adaptando-se às necessidades atuais. São narrativas que foram transmitidas oralmente através de gerações e nas quais estão presentes o maravilhoso e o sobrenatural, onde é possível observar o desaparecimento dos limites estabelecidos entre o cotidiano real e o imaginário misterioso. Certas histórias são escolhidas para fazer parte de um seio familiar

(crianças e adultos), ajudando a apoiarem-se para realizar suas elaborações. Para cada momento da vida da criança, há um desfecho, uma mensagem, que irá atraí-la mais ou menos em determinada época.

## 1.2 Que encantamento é esse que perpassa séculos?

Os Contos de Fadas vem auxiliar-nos na difícil tarefa de ajudar no desenvolvimento das crianças. Através disso, muitas experiências são necessárias e todas elas são advindas também de adultos disponíveis para que esta associação criança – *self*<sup>3</sup> seja possível.

Em verdade, todos nós, desde que nascemos, estamos na interminável busca de tornarmo-nos um. Se tivermos a oportunidade de nos desenvolvermos em um ambiente suficientemente bom<sup>4</sup>, alcançaremos a integração necessária para nosso desenvolvimento pleno e assim, integraremos o ambiente. Integrar o ambiente, nesse caso, significa desenvolver-se com a saúde mental necessária para conhecer o mundo, viver nele e inclusive, tomar parte na maneira como ele se conduz.

---

<sup>3</sup> Associação “criança-self” no sentido de adultos disponíveis a auxiliarem a criança e encontrar-se no mundo como um ser único, próprio de particularidades. “Sua observação das relações precoces entre mãe e bebê fez Winnicott concluir que nesta fase inicial só se pode supor um *self* potencial. O que está em jogo nesse momento é a capacidade do ambiente suprir certas *necessidades* (grifo do autor) básicas do bebê para que ele alcance este patamar inicial de sua vida psíquica que é a integração da unidade psique-soma, resultado do processo de ‘personalização’”. (BEZZERA JÚNIOR, 2007, p.39)

<sup>4</sup> Winnicott caracteriza um ambiente suficientemente bom como um local apropriado para o desenvolvimento emocional e físico do bebê, caracterizando assim uma mãe-ambiente para desempenhar esse papel. “Desejo aqui afirmar que os processos de maturação formam a base do desenvolvimento do lactente e da criança, tanto em psicologia como em anatomia e fisiologia. A despeito disso, no desenvolvimento emocional fica claro que estas condições externas são necessárias para os potenciais de maturação se tornarem realizados. O desenvolvimento depende de um ambiente suficientemente bom, e quanto mais para trás se vai no estudo do bebê, tanto mais isso é verdade, que sem maternidade suficientemente boa os estágios iniciais do desenvolvimento não podem ter lugar”. (WINNICOTT, 1990, p.70)

A criança necessita que lhe sejam dadas soluções de forma simbólica aos problemas, para que ela vá tendo repertório para a resolução dos seus. Nos contos de fadas, são notórios dilemas sucintos e específicos, geralmente em torno do mesmo núcleo dramático, do qual são dependentes todos os episódios do enredo. As personagens apresentam características semelhantes, além da repetição de argumentos, simplificando as situações-problema, possibilitando um olhar mais essencial, tudo isso porque tramas mais complexas afetariam o entendimento da criança e poderiam confundir o assunto.

Vladimir Propp, em seu famoso estudo sobre o conto ressalta que:

o que muda são os nomes (e ao mesmo tempo os atributos) das personagens; o que não muda são suas ações ou as suas funções. Pode ser concluir daí que o conto empresta muitas vezes as mesmas ações a personagens diferentes. (1983, p. 58)

Uma possibilidade de obter sucesso na vida ou expectativa de derrota. Os papéis vem sempre bem distintos: ninguém é bom ou mal ao mesmo tempo, como ocorre na vida real. A partir daí, a criança vai adquirindo uma base importante para seu amadurecimento emocional<sup>5</sup>, percebendo as diferenças entre as pessoas e as diversas possibilidades de escolha, que podem recorrer a diferentes caminhos.

A criança em contínua aprendizagem é um ser em desenvolvimento. A aprendizagem que se dá através da experiência, palavra que provém do latim *experiri*, ou seja, provar; define quase como que provar o outro, experimentar este outro, através de um encontro. Segundo o pensamento de Pilloto:

os seres humanos nascem no mundo e precisam ser acolhidos. Em cada aprendizagem nasce um início, um ser que se atualiza em cada ação e em cada palavra. (2009, p.23)

As histórias infantis sempre trazem elementos que lidam com o medo, elementos assustadores. Estes auxiliam os pequenos a conhecer e enfrentar os seus

---

<sup>5</sup> Termo que, cunhado por Winnicott, refere-se à teoria interpretada por ele próprio, baseada em uma tendência inata do indivíduo humano ao amadurecimento. Esclarecendo, uma integração em relação à “psique-soma”. Psique não embaralhando-se com a mente e soma como sendo além do corpo biológico, um corpo vivo. Tendência, mas não uma determinação. Tudo decorre quando esse indivíduo ainda é bebê, e necessita de um ambiente suficientemente bom para amadurecer. “O desenvolvimento emocional ocorre na criança se se provêem condições suficientemente boas, vindo o impulso para o desenvolvimento de dentro da própria criança. As forças no sentido da vida, da integração da personalidade e da independência são tremendamente fortes, e com condições suficientemente boas a criança progride; quando as condições não são suficientemente boas essas forças ficam contidas dentro da criança e de uma forma ou de outra tendem a destruí-la”. (WINNICOTT, 1990, p.63)

próprios. Nesta sucessão de ameaças e perigos que assolam as diversas infâncias, é importante destacar o medo do abandono e do desamparo. Não interessa à criança um paraíso pacificado, sem enfrentamentos. Ela deseja o desafio, o prazer, o medo, correspondendo a todo o vapor às suas fantasias.

A frase “Era uma vez...” continua incentivando a fantasia e possibilitando a descoberta do “eu” infantil, mesmo com tantas tecnologias disponíveis, em uma época em que a televisão, o *tablet* e o *vídeo game* estão tão presentes no desenvolvimento desses pequenos. Essa frase ainda fascina e conduz essa pequena geração ao caminho do conhecimento e da descoberta de novos e maravilhosos mundos, utilizando a literatura como o viés desse encantamento.

Ao trabalhar a compreensão do real, a literatura infantil concede à criança a possibilidade de organizar as vivências adquiridas neste mundo fantástico do “Era uma vez...”. A sequência abaixo tornou-se quase que uma fórmula que permanece até hoje:

Situação inicial - conflito – metodologia encaminhada para solucionar este problema – sucesso final.

Os elementos mágicos presentes e os recursos conquistam este leitor ou ouvinte que acompanha e coloca-se na história como as personagens. A narrativa linear apresentada acima possibilita para a criança, claramente, que os problemas existem sim, que dificuldades estarão presentes em suas vidas, mas que é preciso enfrentá-las para que no final seja encontrada uma solução com sucesso.

### **1.3 Por que as crianças desde tão pequenas ficam impactadas com os contos clássicos?**

“Uma infância são ânsias”. (Marilene Felinto)

O conto de fadas fala de pessoas muito parecidas a nós mesmos. Os títulos são sempre típicos e genéricos como “Os três porquinhos” e “O patinho feio”, por exemplo. Os protagonistas são “os porquinhos”, “a moça”, “o príncipe”, “o sapo” e quando possuem nome, são nomes comuns como “João” e “Maria”, sem idade e sem local definidos, valendo para qualquer criança, seja menino ou menina, em qualquer fase. As feiticeiras, fadas ou gigantes, também se encontram sem nome, facilitando as projeções e identificações (faça uma nota sobre o que é projeção e o que é identificação para a psicanálise) do público leitor. Era uma vez... uma definição atemporal. Era uma vez, mas não se sabe quando. Isso auxilia o leitor a se identificar com a leitura. Pode se referir a ele ou a qualquer outro, em qualquer tempo e circunstância da vida.

O conto de fadas de Hans Christian Andersen, chamado “O patinho feio”, lançado em 1944, é bastante difundido entre a cultura infantil. Mostra a busca pela própria identidade, a rejeição e tantos outros elementos importantes. Durante a aventura, por onde a personagem passa, sua problemática vai sendo resolvida com enfrentamento e coragem, sua aparência vai mudando, ele vai crescendo e assim o lugar ao qual pertence é definido. Enquanto busca sua identidade e local de pertencimento, muitas coisas ruins acontecem, fazendo sentir-se rejeitado, mas ao final, fica a mensagem de que, utilizando-se de engenhosas formas, sempre podemos alcançar sucesso e felicidade, tornando o “maravilhoso” um suporte fantástico para a resolução das dificuldades.

Para Bettelheim,

os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação e sugerem experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. (1999, p.32)

É preciso que tenhamos claro que a literatura precisa recrear, divertir. Por isso, os livros e os momentos de contação de histórias devem ser atrativos o suficiente para despertar na criança o desejo de ouvir as histórias e a curiosidade de interagir e integrar nesse mundo de sonhos que é a literatura. Quando a criança tem ao seu lado um adulto disponível e desimpedido, atencioso e consciente, organizado e encorajador, tem a possibilidade de se desinibir e começa a reconhecer-se como uma contadora de histórias, autônoma e segura.

## **2. PROJETO DE ESTUDOS COM TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL – N3B**

No primeiro capítulo, realizei um apanhado em relação aos contos de fadas, contos maravilhosos e histórias clássicas, procurando situar o leitor historicamente em relação ao tema. Neste capítulo, falarei sobre o projeto desenvolvido em uma turma de crianças da Educação Infantil, realizando algumas retomadas em relação à literatura infantil através dos tempos e sua importância, sempre fazendo links com teóricos e teorias importantes da psicologia em relação aos contos clássicos, como Bruno Bettelheim, Mário e Diana Corso, dentre outros.

### **2.1 Por que o lobo é mau?**

“Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas.  
E me encantei.” (Manoel de Barros)

Em uma sala de Educação Infantil de uma escola de Novo Hamburgo, pude me apaixonar. Sob o olhar destes pequenos, foi possível perceber o encantamento por músicas, danças e brincadeiras espontâneas relacionadas aos Contos de Fadas. Brincadeiras com o lobo, histórias de princesas, deslumbramentos pelos personagens e o faz-de-conta, sempre muito presente em nossas tardes.

A partir daí, buscando embasamento teórico e refletindo sobre aspectos do desenvolvimento e conteúdos a serem trabalhados, sendo amparada pelo Projeto Pedagógico da Instituição, procurei oferecer a este grupo de crianças um espaço de



auxílio ao conhecimento de mundo, formação pessoal e social, além de auxílio na elaboração de conflitos externos e internos importantes para o crescimento destes e, paixão pela literatura infantil. Tendo como objetivo principal auxiliar as crianças da turma Nível 3B no desenvolvimento do amadurecimento emocional, promovendo um ambiente facilitador que forneça os cuidados e a atenção necessários, através de uma relação saudável no espaço da escola, iniciamos nossos estudos que teve duração, aproximadamente três meses (de maio a agosto de 2014).

Para elucidar a respeito do local de onde eu falo, que grupo de crianças é esse, analisando o foco da pesquisa e enquanto professora e pesquisadora deste, esclareço que esta escola é cristã confessional e particular, no Vale do Rio dos Sinos. Atende crianças desde a Educação Infantil (a partir dos dois anos de idade) até o sexto ano do Ensino Fundamental, constituindo-se uma unidade pertencente a uma rede de escolas que recebe alunos até a faculdade (graduação e alguns cursos de pós-graduação).

A sala de aula utilizada por este grupo é relativamente grande e devidamente equipada. Possui janelas em duas laterais, tornando-a clara e, quando necessário, escura por possuir cortinas persianas, dois banheiros, pia, bebedouro, uma mesa com capacidade para dezesseis crianças. Há escaninhos individuais para que as mesmas possam guardar seus pertences (mochila, caneca e toalha). Dividida em espaços, possui espelho, estante para os livros, prateleiras com diversos jogos de montar, carros, animais, instrumentos musicais, sucatas e fantoches; casinha composta por fantasias, móveis com mesa, cadeiras, fogão, pia, armário, penteadeira, berço, objetos utilizados nesses espaços como panelas, pratos, máquina de lavar, micro-ondas, pulseiras, colares, bolsas, sapatos e bonecas. Dois grandes tapetes delimitando alguns locais como os jogos de montar e os livros (mini-biblioteca).

A turma em estudo é composta por quinze crianças (oito meninos e sete meninas), contendo crianças de dois anos e onze meses a três anos e oito meses. Dez crianças já estudavam na escola desde o ano passado e das outras cinco, apenas uma veio de escola maternal, as demais eram cuidadas pela família ou alguém contratado para desempenhar esta função.

Das quinze famílias, duas são de pais separados. Quatro famílias possuem somente um/a filho/a, as demais possuem um ou dois irmãos – que também estudam

na Instituição. São crianças de classe média estudando em uma escola particular, ou seja, pais investindo em uma educação que supõe-se ser privilegiada. Por motivos legais, enviei a eles um pedido de autorização<sup>6</sup> (Anexo B), para que ficassem cientes do trabalho que foi desenvolvido com seus filhos. Todos autorizaram a divulgação de imagens e outros, se necessário.

Iniciamos o Projeto com uma recepção diferenciada às crianças da turma naquele início de tarde. A professora pesquisadora e a professora auxiliar fantasiaram-se de personagens dos contos de fadas como Chapeuzinho Vermelho - com direito ao cesto de doces - e a bruxa clássica das histórias. Houve também anterior preparo à sala, transformando o espaço da casinha em um castelo feito de lençol e na estante os livros foram trocados por contos de fadas. Aproveitamos para brincar, explorar livremente e fantasiar estes espaços durante o brinquedo espontâneo.

Após, durante o momento da roda onde dialogamos sobre diversos assuntos do dia ou ideias que gostaríamos de trocar, expliquei a eles que estudaríamos tal assunto em questão e que este resultaria em um estudo aprofundado pela professora em forma de pesquisa. Para tanto, utilizaria diversas formas de registros como desenhos, fotos e principalmente filmagens.

Refletindo sobre estas observações que seriam realizadas e pensando em possíveis alterações e buscando algum suporte enquanto observadora, Wray contribuiu clareando algumas ideias:

beware of the observer's paradox: it is often impossible to collect data without the subject knowing that you are doing so. Yet the presence of a tape recorder, experimental equipment or even simply you yourself may have an effect on the linguistic behavior of the subject(s), so the data may not be representative of what happens if no observation were taking place. (1998, p.11)<sup>7</sup>

Sabendo da importância da mínima interferência, munida de fotos, filmagens e da minha própria presença como professora-pesquisadora, bem como de demais

---

<sup>6</sup> Faz-se necessário ressaltar que os nomes verdadeiros dos alunos da turma foram trocados por fictícios, a fim de preservar suas identidades.

<sup>7</sup> Tenha cautela com o paradoxo do observador: é frequentemente impossível coletar dados sem que o objeto do estudo, no caso o sujeito, saiba que você o está fazendo. Assim a presença de um gravador, equipamentos experimentais ou simplesmente você mesmo podem afetar o comportamento linguístico do sujeito, portanto os dados podem não representar o que ocorreria caso nenhuma observação estivesse acontecendo [Tradução minha].

fatores externos, procurei encaminhar os trabalhos da mesma forma, possibilitando criações orais cujos objetivos estão descritos no Projeto de Estudos (Anexo A), mesmo tendo a consciência de que em algum momento algo poderia afetar a proposta.

## **2.2 Vamos brincar no bosque enquanto seu lobo não vem... Relatando o Projeto**

Neste Projeto foram abordadas as seguintes histórias: “O Patinho Feio” de Hans Christian Andersen; “Cachinhos Dourados”, adaptação de Arianna Candell, Editora Ciranda Cultural; “Chapeuzinho Vermelho” de Charles Perrault; “Os Três Porquinhos”, adaptação de Arianna Candell, Editora Ciranda Cultural e “Branca de Neve e os sete anões”, dos Irmãos Grimm. Aproximadamente, duas semanas para trabalharmos com cada uma, demarcando o momento inicial com a contação da história, trazendo-a de maneira já observada pela professora, como interessante para as crianças deste grupo como, por exemplo, o próprio livro ou com o uso de figuras, fantoches, caixas surpresa, objetos e outros, procurando abordar o conteúdo, da maneira mais clara possível, observando para não remeter-me a busca de alguma moral explícita nas mesmas. Posterior à contação, muito diálogo e questionamentos.

os contos funcionam como uma forma essencial ou privilegiada de ajudar a criança a encontrar um significado na sua vida, dar um sentido coerente nos seus sentimentos em turbilhão, ‘ter uma educação moral que de modo sutil e implícito conduza-as às vantagens do comportamento moral, não através de conceitos éticos abstratos, mas daquilo que lhes parece tangivelmente correto e portanto significativo. (BITTENCOURT, 1991, p.137)

Solicitei às famílias que nos enviassem materiais que pudessemos disponibilizar ao manuseio das crianças, a respeito do tema em estudo. A resposta foi imediata e logo foram enviando-nos fantoches, fantasias, adereços, livros de histórias

de diversos clássicos, onde fica claro o envolvimento destes, possibilitando um contato da turma com muitas histórias e diversas versões de cada uma.

Realizamos atividades distintas, muitos momentos de contação de histórias e Hora do Conto, trazendo encantamento ao grupo. Momentos estes onde era notória a paixão, o estranhamento e o olhar concentrado de cada criança, procurando prestar atenção, fantasiar e participar das propostas. Atividades de raciocínio lógico também foram desenvolvidas, relacionando personagens das histórias com seus respectivos objetos, como na história “Cachinhos Dourados”. Explorando movimentos corporais amplos e finos, através de atividades de corrida, esconde-esconde utilizando personagens das histórias e brincadeiras com massinha de modelar, foram dando a forma desejada às explorações do nosso Projeto.



**(Fotografia 1 – Atividade em grupo: Recontar a história “Chapeuzinho Vermelho”).**



**(Fotografia 2 – Atividade em grupo: Recolocar os personagens da história “Cachinhos Dourados e os Três Ursos” em seus devidos lugares, de acordo com a mesma).**

O Projeto foi acontecendo e com ele, muitas questões foram surgindo, inclusive da professora que vos escreve: Como medir a real importância dos contos? Será que isso é possível? Quais são os medos das crianças contemporâneas? A cada dia de contação de história, a cada brincadeira relacionada ao tema, a cada conversa realizada em momentos de roda com a turma reunida, olho no olho, discutindo questões sobre os contos, a cada vídeo gravado, as respostas foram aparecendo e desaparecendo, formando e reformulando-se, surgindo e sumindo, colocando em cheque “verdades”<sup>8</sup> pré-estabelecidas.

---

<sup>8</sup> “Verdades”, por acreditar que diversos pontos de vista e perspectivas que devem ser respeitadas e quem sabe repensadas a todo momento.



**(Fotografia 3 – Momento de brincadeira espontânea onde a professora conta histórias às crianças)**

Dirigimo-nos a espaços externos da sala de aula para realizarmos as gravações, sempre em pequenos grupos de três a quatro crianças - ao todo foram gravados dezoito vídeos. Os demais, ficavam sob o olhar da professora auxiliar durante esses momentos realizando brincadeiras livres em locais pré-determinados.

Optei por iniciar as histórias de alguma maneira que as auxiliassem a situarem-se na proposta, tendo uma base norteadora, por exemplo, “Era uma vez um menino que estava indo para casa depois da escola...”. A partir daí, a criança escolhida previamente, dava continuidade à proposta e assim que expunha suas ideias, outra continuava.

Dos dezoitos vídeos gravados, totalizando quarenta e cinco minutos de gravação, selecionei dois como foco principal de pesquisa. Faz-se necessário esse recorte para que possamos analisar somente os elementos essenciais, sem fugir do eixo principal e do objetivo proposto. Como já mencionei anteriormente, alguns elementos, personagens e aspectos pontuais vem sendo destacados e analisados ao longo desta pesquisa, tecendo materiais importantes, relacionando embasamentos teóricos e realizando uma breve descrição da importância que os contos de fadas apresentam-se nas diversas infâncias deste grupo de crianças.

### 2.3 Narrativas Fantásticas do Nível 3B – Vídeos transcritos

Vídeo 1 – MOV07132:

Professora: - Era uma vez um menino que tava indo pra casa, depois da escola... E aí João, o que que aconteceu?

João: - (inaudível) O menino foi pá casa!

Professora: - Tá, o menino foi pra casa! Chego em casa?

João: - Sim!

Professora: - Sim!

E aí Felipe, o que que aconteceu depois que ele chegou em casa?

Felipe: Apaleceu um dagão!

Professora: - ãh, apareceu um dragão na casa dele?

Felipe: Com a cabeça faz sinal “sim”.

Professora: - E aí Augusto, que que esse dragão fez? Como é que foi isso?

Augusto: pensa...

Augusto: - Ele uspiu fogo!

Professora: - ãh, aí o dragão cuspiu fogo. No menino?

Augusto: Com a cabeça faz sinal “sim”.

Professora: Então tá!

E aí Helena, o dragão cuspiu fogo no menino. E aí?

Helena: - Inaudível. Dagon. Inaudível. Bem longe – fazendo sinal com a mão que voou.

Professora: - O dragão fez o quê?

Helena: Bem longe - fazendo sinal com a mão de que voou.

Professora: Levou o menino?

Helena: - Aham.

Professora: Ãhh, o dragão sequestrou o menino, levou ele pra bem longe.

E aí João, pra onde que o dragão levou ele?

João: Inaudível. Caiu lá (mostrando o chão).

Professora: - Daí os dois caíram?

João: - Sim.

Professora: Ãh, os dois caíram no chão.

E aí, Felipe?

Felipe: Hm (pensativo). Moelam.

Professora: - Ãh?

Felipe: Moelam o menininho.

Professora: O Feli... O menininho morreu?

Felipe: Balança a cabeça em sinal afirmativo.

Professora: - E o dragão, Rafa?

Augusto: - Ele morreu!

Professora: O dragão morreu também.

E aí, acabou a história?

Augusto: - Sim.

Helena: - Assim.

Professora: - Cabo a história!

Helena:- Assiiimmmmm.

Professora: - Assiimmm, acabou?

Helena: Inaudível. Dagon.Inaudível. Ra Ristória!

Professora: - Daí acabou! Tão tá bom.

Vídeo 2- MOV07421:



Professora: - Era uma vez uma mamãe que levou o filhinho na escola.  
Chegando na escola, o que que aconteceu, João?

João: - O nenê caiu.

Professora: - O menino caiu?

João: - Sim!

Professora: - Tão tá.

E aí Henrique?

Henrique: - Eee, mas, mas ele, ela juntô.

Professora: - Ela juntô ele?

Henrique: - Sim!

Professora: - A mamãe?

Henrique: Balança a cabeça em sinal afirmativo.

Professora: Então tá, o menino caiu, a mamãe levanto ele. Ajudou ele a levantar. E aí, Augusto?

Augusto: - E aí o monsto.

Professora: - O monstro apareceu.

Augusto: - Sim!

Professora: - Tão tá. E aí Felipe?

Felipe: - Hmmm. O monstro pego e joga ele lá na paledi, pego o Francisco.

Professora: - Pego o menino e joga ele lá na parede...

Felipe: - O Francisco.

Professora: - Ah, esse menino era o Francisco?

Felipe faz sinal afirmativo com a cabeça.

Professora: - E aí pego o Francisco e joga lá na parede?

Felipe: - Sim!

Professora: - Então tá. E aí João, o que que aconteceu?

João: - Ele joga o Francisco na palede.

Professora: - Sim! O... o... Francisco já disse que jogou ele na parede. Depois disso, o que que aconteceu?

João: - Ele... Foi ele que jogo na parede.

Professora: - O Francisco se machucou, ou o monstro foi embora, ou o que que aconteceu? Que que aconteceu na nossa história depois disso?

João: - Foi ele! Foi ele! Inaudível.

Professora: Tá, o monstro jogou o Francisco na parede. E aí João?

João: E aí ele...

Professora: - Que que aconteceu?

João: - E aí ele pendeu!

Henrique: - Prendeu!

Professora: - Prend... Prendeu o monstro?

João - Sim!

Professora: - Tá, quem prendeu o monstro?

João: - O Francisco.

Professora: - Ah, o Francisco pegou o monstro e prendeu ele. Então tá. E aí Henrique, que que aconteceu depois disso?

Henrique: - Ele, ele se salvo.

Professora: - O Francisco se salvo?

Henrique: - Sim!

Professora: - Que legal! E aí, acabou a história?

Henrique: - Sim!

Professora: - Então tá bom, muito bem!

## 2.4 Quem comeu o meu mingau? Analisando os vídeos

<p>Resumindo a primeira história - Vídeo 1 – MOV07132:</p> <p>Era uma vez um menino que estava indo para sua casa quando apareceu dragão que cuspiu fogo nele. Este horrível dragão sequestrou o indefeso menino e voou com ele para longe; os dois caíram, os dois morreram e fim.</p>	<p>Resumindo a segunda história – Vídeo 2 – MOV07421:</p> <p>Era uma vez uma mamãe que estava levando seu filho para a escola. O menino cai, mas a mãe o levanta. Apareceu um monstro que joga o menino na parede, mas o menino, muito corajoso prende o monstro e se salva.</p>
---	--

As duas histórias apresentadas acima, criadas por crianças da turma em estudo, mostram-se, extremamente criativas. Lembrando que a criatividade é a base para a saúde mental, conforme Winnicott:

o impulso criativo, portanto, é algo que pode ser considerado como uma coisa em si, algo naturalmente necessário a um artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente quando *qualquer* pessoa – bebê, criança, adolescente, adulto ou velho – se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa. (1975, p.100)

Observaremos a seguir elementos possíveis de serem analisados, nas histórias em questão. Dois dramas simples e sem rodeios, auxiliando no desenvolvimento humano e emocional, ajudando a entender de forma mais acessível os acontecimentos da vida real.

A maior parte das crianças elegerá alguma figura apavorante para seu uso pessoal, conhecida pelos psicanalistas como objeto fórbico. É preciso observar

também que, frequentemente, o primeiro perseguidor da infância pertence ao gênero masculino, como podemos destacar nas duas tramas criadas – dragão e monstro.

Observando atentamente os personagens e o desenrolar da primeira história, voltamos nosso olhar ao menino em questão, solitário em casa, sem ninguém pra ampará-lo, como na história “Chapeuzinho Vermelho” e tantas outras que conhecemos, uma criança solitária, com medo de ser atacada. Foram trazidos elementos bem definidos: o bom de um lado e o ruim de outro. O elemento ruim, caracterizado pelo dragão que pega o menino indefeso (elemento bom) e fim: os dois morreram. Tudo termina sem final feliz, como na primeira versão de Chapeuzinho Vermelho (1697), de Charles Perrault, onde o lobo simplesmente devora a indefesa menina depois do conhecido diálogo.

É preciso destacar ainda que existe uma arma sendo usada pelo elemento ruim: a boca. Um dragão que cospe fogo. Uma boca cumprindo incontáveis funções. A força que provém dali – o fogo cuspidor pelo dragão. Quando se é muito pequeno, além de fonte de prazer, conhecimento e saciedade, a boca como uma espécie de portal. Como em Corso & Corso relatam:

os trânsitos que ainda restam entre o bebê e sua mãe, uma vez que a comunicação com o cordão umbilical foi cortada, terão passagem prioritária pela boca. O olhar é uma fonte muito importante de vínculo... Mas só aquilo que se engole é factualmente passível de ser possuído e controlado. (2006, p. 57)

Na segunda criação, podemos destacar o elemento mãe: nunca, de fato, se afasta totalmente da desta, apenas alarga, aumenta o espaço potencial<sup>9</sup>. E esta mãe, traz a preocupação materna necessária para auxiliar no desenvolvimento do protagonista (levantar o filho caído). A partir disso, o menino torna-se o herói e se salva. Nesta história os elementos também estão bem definidos, o elemento ruim (o monstro) pega o elemento bom (o menino), mas como este está bem amparado psicologicamente com uma mãe suficientemente boa<sup>10</sup>, ele tem a coragem e força necessárias para vencer as adversidades da vida.

Por maior que seja a desordem da trama, em algum momento existe uma reorganização em um escalão superior àquele em que a história começou. A

---

<sup>9</sup> “O brincar criativo e a experiência cultural, incluindo seus desenvolvimentos mais apurados tem como posição o espaço potencial existente entre a mãe e o bebê”. (WINNICOTT, 1975 p. 149) Ou seja, o espaço potencial nada mais é do que o bebê que, ao sentir-se fundido à mãe, alcança o estágio de separá-la do eu, enquanto a mãe vai diminuindo a adaptação às necessidades do seu bebê.

<sup>10</sup> A “mãe” suficientemente boa (não necessariamente a mãe do bebê) é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê. (WINNICOTT, 1975, p.25)

mensagem é tranquilizadora: é possível reordenar um mundo em desordem, existe saída para angústia e desamparo, como ao final da história com final feliz.

Voltando nosso olhar a figura do herói, por mais que ele tenha realizado feitos inacreditáveis, o objetivo do herói é readaptar-se ao pequeno mundo, geralmente equivalente à família (nesse caso à mãe) e volta a tranquilidade do lar. É em família que os príncipes e princesas vivem felizes para sempre. A criança está em uma posição mais valorizada, no papel de super-herói. É ela quem manda nos outros e decide o que é certo na brincadeira - as crianças dramatizam ativamente aquilo que sofrem passivamente. Utilizando uma criança do grupo na história, dizendo que ele é o menino- protagonista da mesma, mostra-nos que brincar com o outro, sacanear, faz parte do imaginário infantil saudável mentalmente.

Afirma Rudolfo,

o conceito de brincar é o fio condutor que podemos tomar, para não nos perdermos na complexa problemática da constituição subjetiva. Partimos de uma descoberta: não há nenhuma atividade significativa no desenvolvimento da simbolização da criança que não passe vertebralmente por aquele. (1990, p. 91)

A influência das histórias tradicionais ou recentes, não abrangem a totalidade do fenômeno do desenvolvimento emocional. Narrativas de particular autoria, possuem relato único, um encontro pontual: uma síntese peculiar de um grupo de crianças (no caso desta análise, o Projeto de Estudos), em um determinado momento da vida. O desenrolar das duas histórias provam que os contos de fadas, incluindo sua magia, não morrem, apenas se transformam. Seguimos sempre em um mundo maravilhoso e temos um final resolutivo e suficiente.

### **3. CRIAÇÃO CONTEMPORÂNEA DAS CRIANÇAS: COMO AS CRIANÇAS RECEBEM HOJE OS CONTOS DE FADAS?**

Após análise através dessa experiência rica em sentido, muitas leituras e busca de embasamento teórico, fazendo, desfazendo e fortalecendo a prática em sala de aula, muitas dúvidas aparecem e desaparecem em minha mente. Minuciosas situações, falas e gestos das crianças vão dando suporte a este trabalho. O mundo que deu origem aos contos clássicos era mais mágico, os tempos eram outros, pré-científicos, de superstições e de religiosidade. Hoje as crianças podem definir em quem confiar, estão sempre vigilantes, conferindo se ainda podem continuar apostando em quem as eduque. Corso & Corso, afirmam que

podemos dizer que, a partir de Propp, entendemos os contos maravilhosos, não como um conjunto de histórias, mas como uma estrutura lógica, uma forma básica que possibilita montar histórias. Um quebra-cabeça com peças finitas, com as quais podem-se fazer infinitas combinações. Os contos que conhecemos são apenas arranjos que encontram uma cristalização particularmente acertada e, por isso, ganharam uma fama duradoura. Preferimos dizer que eles são, como já disse dos mitos, uma espécie de linguagem que possibilita encenar nossos dramas e pensar sobre eles. (2011, p. 178)

As crianças de hoje continuam possuindo medos. Elas vivem em um mundo cheio de atos violentos, bem como ou mais que as crianças de antigamente. O medo existe independente do que se espera para o futuro e para isso, a criança brinca. Através da brincadeira ela busca recursos para abastecer seu vocabulário e manter viva sua esperança de final feliz.

As infâncias mudaram. As crianças não são mais as mesmas. A vida é corrida. As influências externas mudaram. Os pais trabalham em demasia e não tem tempo para os filhos. E as pequenas e indefesas crianças precisam dar conta disso tudo desde o dia em que nascem. Os pais projetam seus medos e sua insegurança em seus pequenos. Não podemos esquecer e se faz necessário destacar que as histórias apenas movem algo que a criança já possui em seu interior e que, a construção da personalidade se dá a partir de sua criação, a partir do que sua família lhe alcança em relação a valores, crenças, consciente e inconscientemente.

As crianças brincam com os contos. Mais do que isso, recortam, torcem, colam, misturam, abusam, desdenham e enxertam novidades nos próprios contos. E, partir disso, produzem mais contos. Por isso, é tão importante o professor estar atento e possibilitar narrativas orais em sala de aula, fortalecendo a criatividade de seus alunos, independente da idade. A criança chama de brincar o que o adulto chama de terapia. Certa dose de otimismo é necessária, ela enriquece a ficção e flexibiliza os obstáculos da vida, sendo apenas isso de que uma criança necessita ao estrear o mundo.

“Era uma vez”, “Há mil anos atrás”, “Em um lugar distante”... Os contos estão familiarizados na vida da criança. Eles falam uma linguagem simbólica e não a realidade. E é por isso que eles se tornam tão importantes na vida dela: ela própria atribui o significado que nele encontra de forma simples e natural.

Se as crianças possuíssem sonhos tão elaborados e “inteligentes”<sup>11</sup> como os adultos possuem, a necessidade dos contos não seria tão grande. Agora, se os adultos não tivessem sido expostos aos contos de fada quando pequenos, com certeza os seus sonhos seriam menos ricos em significados e argumentos e assim, não serviriam como uma habilidade para reestruturar e dominar a sua vida.

---

<sup>11</sup> Coloco entre aspas a palavra “inteligentes” por acreditar que o sonho infantil é mais envolto em fantasia que o sonho adulto – já revestido de objetivos. Mas jamais querendo diminuir ou inferiorizar o sonho infantil, apenas diferenciá-lo.

## CONCLUINDO O INCONCLUÍVEL

“Que a importância de uma coisa há de ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.” Manoel de Barros

Início a conclusão remetendo-me ao título da mesma: “Concluindo o Inconcluível”. Sim, inconcluível, pois ao lembrar-me de tantos questionamentos, tantas angústias e dificuldades, percebo que surgiram mais perguntas ainda do que respostas fixas e/ou lineares. Quando vemos nosso trabalho finalizado, é comum esquecermos as dificuldades ao longo do processo. Porém, lembrá-las afirma e reafirma o que nos constitui como sujeitos, o que torna nossa prática plausível para, a partir de então, refletir, modificar, reestruturar e realinhar conhecimentos.

Retomando um trecho do livro “As cem linguagens da criança”, onde diz que a criança deve ser reintegrada, EDWARDS, GANDINI & FORMAN nos fazem refletir, dizendo que a criança deve ser,

capaz de construir seus próprios poderes de pensamento através de uma síntese de todas as linguagens expressivas, comunicativas e cognitivas. Contudo, a criança reintegrada não é um investigador solitário. Ao contrário, os sentidos e a mente da criança precisam da ajuda de outros para perceberem a ordem e a mudança e descobrirem os significados das novas relações. A criança é um protagonista. (1999 p. 303)

Através desta citação, percebo o quanto o professor deve possibilitar aos seus alunos a criação de narrativas orais, para que, independente da idade, estes se tornem realmente discípulos do conhecimento, conforme etimologia da palavra que deriva do latim *alumnus*, “a criança de peito, lactente, menino” com a extensão de significado para “discípulo”; ligando-se ao verbo *alere*, cujo sentido é fazer aumentar, nutrir e alimentar. Portanto, a criança precisa de professor disponível que venha para encaminhar, proporcionar e ensinar, esta última, palavra que também deriva do latim *insignare* “gravar, colocar uma marca em”, de in “em”, agregando *signum* “marca, sinal”. Ou seja, um professor que vem marcar positivamente seu



aluno, para este possa se desenvolver plenamente, sendo protagonista de sua vida, de suas escolhas e de suas narrativas.

Para mim, foi muito importante observar as crianças deste grupo criando, contando e recontando histórias como foi possível ao longo do projeto. Refleti sobre relações importantes de personagens e armas utilizadas pelos mesmos, percebendo questões do desenvolvimento infantil que não podem passar despercebidas quando falamos em afirmação do verdadeiro *self*.

E agora? O que será feito com tudo isso? Qual será o próximo passo? Quais são as verdadeiras angústias trazidas pela infância? Que bom que vivemos em um mundo de incertezas. A partir dele podemos sonhar, criar, recriar, ousar, experimentar. Porém, saber que o universo infantil não é inocente como se pensa, precisa deixar-nos cautelosos em nosso papel de professores. Precisamos romper com opiniões cheias de certeza, abrir-nos aos questionamentos para que possamos construir outros e novos caminhos ou ainda reforçar os antigos, mas sempre com o olhar atento e humilde em relação aos nossos alunos.

Chegar ao fim desse processo de pesquisa, leitura e horas de dedicação me traz uma sensação de alívio, mas ao mesmo tempo de vazio. Vazio, pois sei que esse fim é apenas um novo começo. E que esse começo, trará novamente muitas incertezas, angústias e dificuldades. Novamente mais perguntas do que respostas. Mas fico com a certeza de que sou uma adulta que foi exposta aos contos desde criança, me trazendo as habilidades necessárias para reestruturar e dominar a vida e suas adversidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AREND, Hannah. **A condição humana**. 10ª edição. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 2005.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos Contos de Fadas**. 13ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BEZERRA Júnior, Benilton. "Winnicott e Merleau-Ponty: o continuum da experiência subjetiva." In: Benilton Bezerra Júnior e Francisco Ortega (organizadores). 2007: **Winnicott e seus interlocutores**. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

Bittencourt, A-M de L. 1991: "Encantos e desencantos dos contos de fada". In: Outeiral, J. O. e Graña, R. B. (coord) 1991: **Donald W. Winnicott: estudos**. Porto Alegre, Artes Médicas.

CORSO, Diana Lichtenstein & CORSO, Mário. 1ª edição. **A psicanálise da Terra do Nunca: ensaios sobre fantasia**. 1ª edição. Porto Alegre: Penso, 2011.

\_\_\_\_\_. **Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias infantis**. 1ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella, & FORMAN George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. 1ª edição. Porto Alegre: Artmed, 1999.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância – Da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MACHADO, Ana Maria. **História meio ao contrário**. 1ª edição. Porto Alegre: Ática, 1978.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte [et al]. **Uma educação pela infância: diálogo com o currículo do 1º ano do ensino fundamental**. Joinville: Univille, 2009.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Vega Universidade, 1983.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Onde tem bruxa tem fada**. 1ª edição. Moderna, 1979.

ROCHA, Ruth. **O reizinho mandão**. 1ª edição. Editora Pioneira, 1978.

RUDOLFO, Ricardo. **O brincar e o significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce**. 1ª edição. Tradução de Francisco Franke Settineri. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

WINNICOTT, Donald W. **A criança e o seu mundo**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

\_\_\_\_\_. **O brincar e a realidade**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975.

\_\_\_\_\_. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. 3ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

WRAY, Alison, TROTT, Kate, & BLOOMER, Aileen. **Projects in Linguistics: A practical Guide to Researching Language**. 1ª edição. Oxford: Oxford University Press, 1998.

**ANEXO A**



Novo Hamburgo, dia 13 de maio de 2014.

“Há um significado profundo maior nos contos de fadas  
que me contaram na infância do que no que a vida ensina”.

The Piccolomini, 111, 4

### **PROJETO DE ESTUDOS – 2014:**

Professora: Gabriella Thais Schorn.

Professora auxiliar: Juliana P. Ramos e Carina Pinheiro.

Turma: Nível 3B.

Faixa- etária: crianças de 2 anos e 11 meses a 3 anos e 8 meses.

Duração prevista inicialmente: 6 semanas (de 13 de maio até 26 de junho).

Duração: 13 de maio a 21 de agosto.

Assunto: Contos de Fadas, Clássicos Infantis, Psicologia e Psicanálise,  
Desenvolvimento Infantil.

Título:

***“Contos que encantam! Os contos de fadas como experiências de infância”***

Justificativa:

Desde o início do ano letivo de 2014, vem sendo realizadas observações nesta turma de nível 3, podendo notar grande interesse das crianças por músicas, danças e brincadeiras espontâneas relacionadas coincidentemente aos Contos de Fadas. Brincadeiras com o lobo, histórias de princesas, encantamentos pelas personagens e o faz-de-conta, vem sendo escolhidos e demonstrados pelas crianças como momentos especiais durante a tarde. A partir daí, refletindo sobre faixa-etária, buscando embasamento teórico nas diversas áreas do conhecimento e ainda, amparado pela

Proposta Pedagógica da IENH e Plano de Trabalho da Educação Infantil IENH, este Projeto de Estudos oferecerá às crianças um espaço de auxílio ao conhecimento de mundo e formação social e pessoal do grupo. Serão vivenciadas situações auxiliando as crianças da turma na elaboração de conflitos internos e externos importantes para o crescimento e desenvolvendo a paixão pela literatura infantil.

“Os contos funcionam como uma forma essencial ou privilegiada de ajudar a criança a encontrar um significado na sua vida, dar um sentido coerente nos seus sentimentos em turbilhão, ter uma educação moral que de modo sutil e implícito conduza-as às vantagens do comportamento moral, não através de conceitos éticos abstratos, mas daquilo que lhes parece tangivelmente correto e portanto significativo”. (1975, p. 137)

#### Objetivo geral:

Auxiliar as crianças da turma Nível 3B no desenvolvimento do amadurecimento emocional, promovendo um ambiente facilitador que forneça os cuidados e a atenção necessários através de uma relação saudável no espaço da escola. Bem como, o desenvolver os conteúdos previstos do Plano de Trabalho da Educação Infantil IENH.

#### Objetivos Específicos:

- Ampliar o acervo literário das crianças através de contações de histórias clássicas infantis e, a partir daí, vivência de experiências diversas.
- Auxiliar na elaboração dos processos inconscientes do “eu”.
- Desenvolver suas capacidades e potencialidades físicas e naturais.
- Explorar e manipular diferentes materiais.
- Ampliar o universo discursivo das crianças.
- Auxiliar no desenvolvimento da criatividade, sensibilidade, curiosidade e imaginação.
- Oportunizar a construção de hipóteses e auxiliar no desenvolvimento do pensamento crítico.

- Proporcionar um ambiente facilitador de conhecimento, autonomia, reflexão, cooperação, solidariedade, respeito e valorização da vida.

“(…) é a brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e portanto, a saúde; o brincar conduz ao relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros”. (1975, p.63)

#### Atividade Inicial:

As professoras farão uma recepção às crianças da turma no primeiro dia do Projeto de Estudos (13/05). Ocorrerá da seguinte forma: Elas estarão vestidas de personagens dos contos de fadas (Chapeuzinho Vermelho com cesto de doces e Bruxa) que serão estudados nos próximos dias e a sala estará organizada de maneira diferente (a casinha se transformará em um castelo – feito de lençol - e na estante os livros serão trocados por contos de fadas). Após, no momento da rodinha, diálogo em roda sobre o assunto que será estudado.

Dúvidas da turma a partir da atividade inicial – auxílio para o desenrolar do projeto:

- O lobo é mau?
- Porque a Cachinhos Dourados pula a janela e sai correndo?
- Porque os porquinhos colocaram uma panela de água quente pro lobo cair com o bumbum dentro?

“A criança, ser global, mescla suas manifestações expressivas: canta ao desenhar, pinta o corpo ao representar, dança enquanto canta, desenha enquanto ouve histórias, representa enquanto fala”. (Edith Derdyk)

Histórias que serão trabalhadas:

- O Patinho Feio, de Hans Christian Andersen.
- Cachinhos Dourados, adaptação de Arianna Candell. Editora Ciranda Cultural.
- Chapeuzinho Vermelho, de Charles Perrault.
- Os Três Porquinhos, adaptação de Arianna Candell. Editora Ciranda Cultural.
- Branca de Neve e os sete anões, dos irmãos Grimm.

Possíveis atividades a serem desenvolvidas:

- Dramatizações diversas, recontando as histórias.
- Cinema com filme da Disney (“Branca de Neve e os sete anões”).
- Registros das histórias em diversos suportes e com diversos materiais (folha A3, papelão, giz de cera, tinta, carvão,...).
- Atividade de sequência lógica (colocar em ordem lógica os acontecimentos da história “Chapeuzinho Vermelho”, entre outras) – através de narrativas produzidas oralmente.
- Criação com massinha de modelar dos personagens da história “Os Três Porquinhos” para levar para casa.
- Culinária: Mingau da história “Cachinhos Dourados”.
- Psicomotricidade no salão da escola com lençóis, balões, sucatas, construções, grafismos e outros.
- Criações de textos coletivos filmados, escritos e depois expostos em sala.
- Criação de cartaz de porta: cada criança um livro, pintado por fora e dentro uma foto.

“É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que



o indivíduo descobre o seu eu. (...) É através da percepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida”. (1975)

Músicas:

- “Quem tem medo do lobo mau?”.
- “Vamos brincar no bosque enquanto seu lobo não vem” – CD da Xuxa.
- “Todos os patinhos sabem bem nadar...”.
- “Vassoura da Bruxa”.
- “Anda de vassoura”.
- Músicas diversas apresentadas na folha “Rotinas - N3B”.

Encerramento do Projeto:

Após criação e filmagem de nossas histórias produzidas oralmente, faremos no retorno às aulas no segundo semestre, uma sessão de cinema, assistindo a esses vídeos e, a partir disso, criaremos uma nova história (fazendo a junção de todas as ideias) e um livro físico, que irá circular entre as famílias após o encerramento do Projeto – cada criança ficará responsável por desenhar/registrar alguma parte dessa história, para que possamos montá-lo com auxílio de todos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos Contos de Fadas**. 13ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975.

**Plano de Trabalho da Educação Infantil e Proposta Pedagógica da IENH.**

**ANEXO B**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Gabriella Thais Schorn, venho através deste documento, pedir vossa autorização para desenvolver uma pesquisa com seu/sua filho/a, meu/minha aluno/a, na Unidade Oswaldo Cruz.

Estou finalizando meu curso de Especialização em Educação Infantil, que vem sendo realizado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, sob orientação da Professora Mra. Bianca Stock – Psicóloga Escolar do Colégio Santa Inês de Porto Alegre e sob co-orientação do professor Dr. Remi Klein – Teólogo, Especialista em Literatura e Professor da UNISINOS.

Gostaria de comunicar que essa pesquisa que estará sendo realizada com as crianças da turma Nível 3B, da Unidade Oswaldo Cruz, visa observar e auxiliar as crianças dessa turma na elaboração de conflitos internos e externos importantes para o crescimento e desenvolvimento, através do uso da Literatura.

Não há nenhum risco físico ou emocional que seu/sua filho/a possa vir a vivenciar. Esta participação é voluntária e se dará por meio da realização de brincadeiras e atividades de acordo com a faixa etária da turma, como por exemplo, dramatização de histórias, brincadeiras e conversas sobre as histórias trabalhadas.

A autorização de participação de seu/sua filho/a na pesquisa é relacionada a divulgação de alguma imagem do mesmo em trabalho acadêmico. Se você aceitar a participação do/a seu/sua filho/a, estará contribuindo para o desenvolvimento de um trabalho que auxiliará diversos professores de Educação Infantil, bem como diversas escolas, mostrando a importância dos contos de fadas como experiências de infância.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a identidade de seu/sua filho/a não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o/a Sr/a poderá entrar em contato com a professora pesquisadora Gabriella Thais Schorn, através do telefone (51) 93261991.

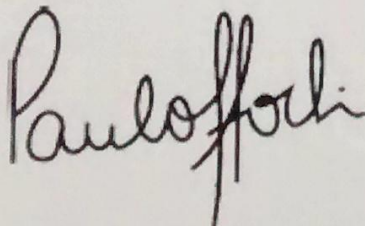
**CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, responsável por \_\_\_\_\_, criança da turma Nível 3B da Unidade Oswaldo Cruz – IENH, fui informado sobre a pesquisa e suas implicações, e concordo com a participação de meu/minha filho/a.

Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

 \_\_\_\_\_  
 Assinatura do responsável pelo participante

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_



 \_\_\_\_\_  
 Assinatura do professor pesquisador

Data: 15/07/2014.

 \_\_\_\_\_  
 Prof. Ms. Paulo Sergio Fochi  
 Coordenador do curso de Especialização em Educação Infantil